

Duas histórias: Heliana-barracão e o anarco-rodriguianismo

Two Stories: Heliana-Barracão and Anarcho-Rodriguianism

Acácio Augusto

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO:

Este breve texto conta duas histórias que vivi com Heliana Conde e que viraram uma ficção compartilhada entre nós. Também registra minha alegria em ter convivido com ela entre conversas e vivências que afirmavam a anarquia como modo de vida radical em associação.

Palavras-chave: anarquia; amizade; Michel Foucault; memória

ABSTRACT: (times, 15, negrito)

This short text tells two stories I experienced with Heliana Conde, which became a shared fiction between us. It also expresses my joy in having shared moments with her through conversations and experiences that affirmed anarchy as a radical way of life in association.

Keywords: anarchy; friendship; Michel Foucault.; memory

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88569

Movimentei-me empurrada por duas questões:

Por que fazer a história e como fazê-la?

Heliana Conde

No rastro dos “cavalos do diabo”

É sempre muito difícil, para mim, escrever sobre alguém com quem convivi muito e se foi. Eu vou e volto no texto, busco na memória o que poderia ser mais importante ou interessante para um virtual leitor desconhecido, mas acabo por paralisar na não-escrita. Dentre as muitas razões, ditas e não ditas, dessa dificuldade, está o fato de começar escrevendo sobre a pessoa, mas muito logo constatar que se está escrevendo sobre si. O que, para mim, é um tanto vergonhoso. Embora seja inevitável, posto que as histórias são sobre você também, em relação com a pessoa. No entanto, no caso da Heliana Conde, vou me valer

de algo que ela apreciava muito: a oralidade da memória, essa ilha de edição, do jeito que me veio quando a mnemosine propôs que escrevesse algumas linhas sobre essa amiga muito querida. Nisso, é curioso constatar a dificuldade de se estabelecer um começo, pois, sendo honesto, não me recordo o momento exato que a conheci. Existe um grande meio, que foi a chegada dela no nu-sol (núcleo de sociabilidade libertária), pelas mãos do Edson, para realizar uma pesquisa de pós-doutorado sobre as passagens de Michel Foucault pelo Brasil. Esse meio sem fim, pessoalmente, coincide com anos luminosos da minha vida, o que faz com que Heliana habite um lugar muito especial em minhas memórias.

Uma coisa curiosa nessas tentativas de editar a memória e verter para tela na forma de um texto é constatar como pequenos gestos, quase corriqueiros, se tornam muito marcantes. No caso da Heliana, dois em especiais me vêm imediatamente à cabeça: o hábito de enviar felicitações por e-mail aos amigos-professores todo dia 15 de outubro, data que coincide com o aniversário de Michel Foucault; o outro é a maneira como ela fumava, formando uma bruma com a fumaça do cigarro em meio a sua vasta cabeleira, o que dava a ela um ar muito interessante de bruxa e/ou de feiticeira de contos fantásticos. E me recordo de pensar sobre isso e constatar que formava uma imagem muito bonita, marcante, como hoje posso constatar. Eu gosto de bruxas.

Esse imenso espaço, o nu-sol, no qual convivi com Heliana, está disposto na minha memória em três composições: as reuniões e os ensaios de aula-teatro do nu-sol, que ela acompanhava com grande interesse, sempre fazendo comentários e sugestões muito próprios de sua atenção interessada e minimalista; os jantares e as festas na casa do Edson, sempre com muita conversa, comida, bebidas e risadas (a risada da Heliana era muito bonita, contagiante); os colóquios-Foucault, em especial o da UERJ em 2013, nos quais eu sempre via em Heliana uma amiga para trocar os comentários mais diversos e amplos possíveis, de um ruído na sala a um conceito qualquer tratado pela pessoa que estava fazendo a exposição de um texto.

As lembranças mais deliciosas que tenho de Heliana Conde são de pequenas-grandes conversas nesses espaços. Ela é uma das melhores conversadoras que conheci, não enchia de peso as palavras, as tratava com uma seriedade leve e debochada para atingir um problema sem fazer disso um julgamento e uma condenação, mas uma mudança de perspectiva, um olhar diferente sobre o mesmo que estava posto. Selecciono aqui duas dessas conversas-histórias. Talvez alguém diga que elas careçam de mais explicação, mas elas valem mais pela história, do que pelos personagens. Logo, não há muito o que ser explicado.

O nu-sol estava há dias gravando uma série de depoimentos de um arquivista anarquista, importante militante e pesquisador português radicado no Rio de Janeiro. Este, em

conversas e numa conferência pública, disse algumas bobagens misóginas, quase sem se dar conta. Disse algo como: “anarquismo não tem nada a ver com cabaré”, pouco importa exatamente o que foi dito, o que me lembro foi que incomodou muito as mulheres. Em outra ocasião, esse mesmo arquivista, disse odiar macarrão, o que disparou uma conversa desprezível sobre gostos gastronômicos. Alguém lembrou de uma outra pessoa que dizia não gostar de palmito, um absurdo também. Pois bem, conversei sobre essas situações com Heliana, que não estava no dia da conferência. Nós ríamos muito, do ridículo que era não gostar de mulheres e de macarrão. Também falamos sobre como certos costumes conservadores podem se manifestar também em pessoas anarquistas. Diante disso e da conversa que virou piada, nós criamos uma corrente específica do anarquismo que odiava macarrão e estabelecia certas condições às mulheres, como, por exemplo, não frequentar cabarés. Obviamente, nós dois somos grandes apreciadores de pasta e não tínhamos a menor pretensão (nem poder) em dizer onde mulheres deveriam ou não ir. O lance, que não foi objeto de elaboração, era transformar tudo em um grande absurdo cômico, tratando a grosseria do arquivista como piada. Sem julgamento, sem essência extraída da conduta infeliz do sujeito, resistindo à indelicadeza e ao absurdo com humor. Só agora, escrevendo, me dou conta dessa perspicácia de Heliana. Enfim, a brincadeira tomou vida própria e se descolou de “origem”, virou a forma de tratamento entre nós. Aproveitamos a coincidência do sobrenome de Heliana com o do pesquisador português e fundamos o anarco-rodriguianismo. Essa corrente produziu inúmeras análises de lutas libertárias que nunca foram e nunca serão publicizadas, elas existiram como um meio sem fim de uma conversa absurda que dizia tudo e não significava nada. Um estilo de anarquia muito singular que dividi com ela. A partir de então, assinávamos os e-mails trocados por nós com um “saudações anarco-rodriguianas”. Eu rio disso sempre que lembro e consigo visualizar o riso de Heliana.

Outra história. Em outubro de 2013, o Brasil e o Rio de Janeiro tomado por um fogo que realiza, um grupo de *black blocs* entra no auditório da UERJ no qual estava rolando o Colóquio Internacional Michel Foucault. A mesa era composta por Edson Passetti e, se não me engano, Alfredo Veiga-Neto e mais alguém. Havia uma tensão no ar que provocou uma troca de sorrisos entre mim e Heliana, que estávamos fumando na porta no auditório. Novamente o humor como forma de lidar com algo sério que se passava diante de nós. Começamos a conversar sobre a onda de manifestações no Brasil e no planeta. Rimos dos que viam nisso uma grande harmonia carnavalesca, pois era uma explosão de diferenças e divergências, o próprio bloco negro que entrava na sala era a expressão dessas diferenças. Não fizemos nenhum juízo de valor, apenas constamos que, carnaval ou não, a agitação de rua

estava invadindo a universidade e que isso era melhor que a pasmaceira de conceitos elaborados e bem colocados. Um texto redigido pelos militantes presentes foi lido por Passetti, antes do início da mesa. Depois, voltando a conversar com Heliana sobre o episódio, chegamos à conclusão que mais do que carnaval, o que nós precisávamos era de um barracão. No qual fosse possível um trabalho coletivo, anônimo e paciente, que costurasse o dia a dia das pessoas em resistência à pasmaceira do mundo, mas sem estar, necessariamente, submetido ao dia do desfile. Este pode acontecer fora de época, a qualquer momento, ou simplesmente não acontecer. O importante, para nós, era notar o que fica e resiste. Para isso, concluímos, é necessário um trabalho lento e paciente de barracão, sem fins teleológicos e/ou notas de jurados com notório saber nas artes carnavalescas. De certa maneira, pensando hoje, esse barracão entre nós dois era o nu-sol, em especial os momentos de ensaio das aulas-teatro, momento de trabalho paciência entre amigos que dava a forma à impaciência da liberdade, sem estra exatamente submetido à apresentação.

Não sei se essas histórias fazem sentido ou interesse a alguém. Mas nessas historietas está muito coisa, que talvez só faça sentido para mim, que guardo da Heliana. Ela nunca foi minha professora, mas a tenho como uma mestra, alho que ela dava forma nos e-mails de 15 de outubro. Não enquanto uma relação de discípulo ou de seguidor (como temos tantos hoje), mas como alguém que me ensinou muita coisa da forma mais inusitada possível e fez disso conversas que nunca tiveram fim e continuarão habitando outras conversas que terceirorei por aí, tentando atingir uma certa delicadeza debochada que ela sempre me passou. Ela está entre as mulheres mais interessantes com as quais tive o prazer de conviver, trocar, beber, fumar, conversar, rir. A isso, eu agradeço a ela, à vida e às muitas pessoas queridas que estão no meio dessas histórias todas.

Acácio Augusto

É pai do Tomás, palmeirense e anarquista que vive em São Paulo, Brasil. Integra o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) desde 2002. Professor no Departamento de Relações Internacionais da UNIFESP, onde coordena o curso. Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES e no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais: Estudos do Sul Global da UNIFESP. Coordena o Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de Monitoramento (LASInTec) na UNIFESP.

E-mail: acacio.augusto@unifesp.br